

# A INFÂNCIA E A VELHICE: FRONTEIRAS MOVEDIÇAS NO ESPAÇO POÉTICO

Vilma Aparecida Galhego\*

\* Pontifícia Universidade Católica de  
São Paulo – PUC/SP.

**E**

## *Resumo*

Este trabalho tem por objetivo apresentar o tempo da infância, bem como o da velhice no conto “A estória da galinha e do ovo,” de Luandino Vieira, e demonstrar como os dois tempos se alternam no espaço poético, por meio da ação lúdica – ponto de convergência de comunicação de ambos: o adulto e a criança, sem fronteiras alheias. O conto é destinado ao público adulto, mas parece ser também oferecido ao leitor-criança na medida em que se constitui a partir de elementos comuns ao gênero infanto-juvenil: a presença de um narrador contador de história e uma narrativa em que a infância está representada. A criança e o adulto partilham do mesmo espaço da infância: a primeira brinca, alegre-se, aprende, resolve conflitos e ensina para o adulto a importância de não perder esse tempo de vista, enquanto o adulto o encontra por intermédio da memória da criança que foi e que ainda tem dentro de si.

Palavras-chave: Luandino Vieira; Infância; Velhice.

“A infância é um manancial sem-fim e por toda a vida.”

(VIEIRA, Luandino, 2010, p. 205)

O conto “A estória da galinha e do ovo” passa-se num musseque, na cidade de Luanda, lugar que terá grande importância na obra de Luandino Vieira, pois todos os contos desse livro intitulado **Luuanda** se passam nos bairros pobres da referida cidade. Dividida em baixa e alta, é na cidade baixa que encontramos os musseques, lugar onde moram as pessoas pobres, negros, imigrantes que estão apartados da cidade alta, e é por essas ruas que se constrói a narrativa de Luandino, é por lá que passeiam os seus personagens.

O espaço da cidade, revelado nos contos de Luandino, mostra-se como um lugar que ainda guarda as raízes e o canto de um povo, mas ao mesmo tempo caminha junto com as desigualdades e as dores causadas pela colonização, compondo um terreno do vivido, do ancestral gestado e guardado e ao mesmo tempo do campo que se apresenta para a batalha no que se refere à sobrevivência diária.

Perceber o conceito de infância presente em Angola faz-se necessário para deprendermos a infância presente no conto. A literatura que aborda a representação da infância em Luanda não está desvinculada do contexto no qual ela nasce e, por isso, seu conteúdo é também político e politizante, mas é importante direcionar o foco para as qualidades que a torna objeto estético, ou seja, verdadeiramente literária.

Para compreender a representação da infância nas obras que compõem a Literatura de Luanda, observamos no seguinte artigo, intitulado “Monandengues, pioneiros e catorzinhas”, da professora Tânia Macedo, que nos revela como a personagem-criança pode exemplificar as mudanças pelas quais passou o país e a literatura de Angola. A autora, ao demonstrar a transformação pela qual essa infância, literariamente representada, passou nos apresenta um caminho para entender a infância daquele país, para que possamos compreender aquela instaurada no conto a estória da galinha e do ovo. O artigo referido apresenta, inicialmente, a obra de Luandino Vieira, como representativa de um momento primeiro da literatura de Luanda, em que um “antigamente” revela uma harmonia, um tempo, em que as personagens infantis ainda estão apartadas dos conflitos que ali já estavam engendrados:

Trata-se, como vê, de meninos e meninas plenos de inocência em seus jogos infantis, nos subúrbios da capital de Angola em que há ainda “catetes no capim”, (...) Em suas brincadeiras, pressentem a gestação da “noite grávida de punhal”, mas ainda percorrem as ruas de Luanda onde a “fronteira do asfalto”, isto é, os limites entre a cidade dos brancos e o musseque (o “bairro dos pretos”), apenas começa a se esboçar e os devastadores conflitos engendrados pela situação colonial não estão ainda agudizados. (CHAVES, MACEDO, VECCHIA, 2007, p. 358-9)

Ainda com Luandino Vieira, encontramos no momento posterior ao que se segue à colonização, os “monandengues”, ou “monas”, palavras que servem para designar criança no dialeto quimbundo e mais ainda, no conto “A estória da galinha e do ovo”, para representar uma tradição, uma busca por uma África ancestral que se quer recuperada como identidade. Ao utilizar as palavras oriundas do quimbundo, o autor registra e aproxima essa infância de um tempo que não existe mais, porém, acredita ainda na possibilidade de afirmar esse discurso, tornando-o um registro legítimo da memória de um povo, de um canto, de uma tradição.

Num terceiro momento, a autora, por intermédio da linguagem utilizada pelas crianças nos textos literários, verifica como elas estão distantes daquela que é utilizada por Beto e Xico, personagens do conto abordado nesse trabalho, que com a utilização da linguagem falada pelos monas estabelecem a harmonia no musseque. Advém desse período

a divisão e a violentação da língua, indicando os tempos da dor e da guerra, no qual as crianças de rua substituirão os monandegues e os pioneiros, dando lugar aos “roboteiros” e “catorzinhas”, crianças que se prostituem para sobreviver.

A criança representada no conto nos mostrará como a infância está construída nesses bairros pobres e como ela resiste à invasão dos adultos, enquanto o velho nos revela toda a sabedoria com que conduzem a vida e a própria estória. As vozes das crianças de Luanda são responsáveis pela construção de um tempo-espaco mergulhado no infantil, ou seja, marcado pela magia, curiosidade, e pelo desejo de descoberta da realidade:

Miúdo Xico é quem descobriu, andava na brincadeira com o Beto, seu mais novo, fazendo essas partidas vavô Petelu tinha lhes ensinado, de imitar as falas dos animais e baralhar-lhes e quando vieram no quintal de mamã Bina pararam admirados. A senhora não tinha criação, como é ouvia-se a voz dela, pi,pi,pi, chamar galinha, o barulho do milho a cair no chão varrido? (VIEIRA, 2004, p. 108)

Vale destacar este momento lúdico que acontece entre as crianças, pois é a primeira vez que o espaco da infância aparece no conto e ele evidencia uma simples brincadeira, ensinada pelo avô, que consiste em imitar os bichos. As crianças usam da imaginação para se divertirem. E, neste caso, é o avô quem lhes ensina a brincadeira, provavelmente aprendida também em sua infância, como as brincadeiras de rua e aquelas que são veiculadas pela tradição oral.

É importante destacar que o autor dá relevo à infância, pois acredita que as experiências advindas dela são essenciais para a formação do adulto, mais ainda, parece demonstrá-la como um “manancial” a ser buscado em todas as idades.

A voz do velho revela todo patrimônio de uma cultura que deve ser preservada e transmitida às crianças. É o velho que liga o passado ao presente, preservando a tradição. São sempre as palavras da velha Bebeca que possuem autoridade, pois são portadoras do conhecimento no contexto em que vivem, possuem a experiência. É conhecida a distinção entre narradores camponeses e viajantes, proposta por Benjamin:

“Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante. (BENJAMIN, 1975, p. 198-9)

Nesse sentido, nota-se que Vavó Bebeca possui o saber que é oriundo da experiência e da vivência e do pleno conhecimento do lugar onde vive. Por todo conhecimento que possui, ela é contadora-conselheira já que o “conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria” (BENJAMIN, 1975, p. 200).

Vavó Bebeca mostra às crianças uma estória que ela mesma vive junto deles e de todo o bairro de lata, que é a estória da galinha e do ovo e nessa estória o papel que lhe é reservado é o do adulto que deve decidir com quem fica o ovo. São as crianças que apresentam o espaço infantil e o faz nascer e se mostrar ali, no meio daquela realidade cruel, por intermédio da brincadeira, imitando a galinha e, rompendo, mesmo que brevemente, as fronteiras que separam o real do imaginado. Bebeca aceita o convite da brincadeira, mas não se demora porque precisa resolver o dilema do ovo.

A brincadeira das crianças envolve os adultos, num claro convite para dela participarem, uma vez que longe da realidade, elas conseguem inaugurar um espaço onde a imaginação atua livremente, preenchendo os espaços tão maltratados pela vida real. Esse lugar é o do sonho que não aliena, mas recupera e possibilita uma ampliação do ser e da vida.

Luandino parece crer na capacidade da criança tanto como na do velho, que é o símbolo da sabedoria, pois é pelas mãos delas que o conflito se resolve, justo elas que não possuem a experiência da vavó, que foi chamada a resolver o conflito justamente, por ser a mais velha, logo, a que detém a maior experiência para julgar. As crianças não julgam, mas resolvem o problema brincando.

Beto e Xico com suas experiências de criança enxergam o mundo de modo diferente. Abaixados, junto ao cesto, conversavam com a galinha, miravam suas pequenas penas a tremer com o vento, os olhos redondos a verem os sorrisos amigos dos meninos:

Beto e Xico voltaram para junto do cesto e deixaram-se ficar ali a mirar outra vez a galinha Cabiri, O bicho tinha-se assustado com todo o barulho das macas com sô Zé, mas, agora sentindo o ventinho fresco a coçar-lhe debaixo das asas e das penas, aproveitou o silêncio e começou a cantar. (VIEIRA, 2004, p. 115)

Os meninos são cúmplices, pois conseguem se comunicar pelo olhar, um é capaz de enxergar no outro o desejo de ajudar a galinha: um foi capaz de ver no olhar do outro esse desejo, porque soube ler o que o outro dava a ler. Através desses códigos emitidos pelo olhar, arquitetava-se um plano sem palavras para salvar a galinha.

As crianças, comumente, já são apaixonadas pelos bichos, tanto que freqüentemente os imitam. Xico e Beto são duas crianças que se divertem com a galinha principalmente por saberem imitá-la, confundindo assim as pessoas. Por isso, para eles, toda essa confusão e brigas armadas pelas mulheres servem como pretexto para fazerem uso dessa habilidade, que é imitar o som que a galinha produz. Não interessa a eles fazer o julgamento e dizer quem faz jus ao ovo, e sim defender e proteger a galinha:

– Sente-se Beto! – sussurrou-se Xico – Sente só a cantiga dela! E desataram a rir ouvindo o canto da galinha, eles sabiam bem as palavras, velho Petelu tinha lhes ensinado. – Calem-se a boca, meninos. Estão rir de quê então? – a voz de vavó estava quase zangada. (VIEIRA, 2004, p.116)

Xico e Beto se identificam com o canto da galinha, imitam-na para do mundo dela fazer parte, como se pudessem também cacarejar e entender o que ela diz e assim reproduzir o que ela canta. Mas, o canto da galinha só pode ser compreendido porque Sô Petelu os ensinou, era ele quem sabia entender a galinha, logo o velho Petelu mostra que apesar da idade não se despediu da infância ao cruzar a fronteira temporal: também ele fala a língua dos animais.

As crianças, ao imitarem a galinha, são também como galos que despertam os outros para a nova manhã, em que as galinhas e os ovos não serão disputados acirradamente, no meio da rua e da confusão, mas sim anunciam um novo tempo, de mais dignidade e alegria. Portanto, o canto nesta narrativa é “o verbo encarnado na escritura” (ZUMTHOR, 1993, p. 113), pura literatura constituída pelo “rumor, vibrante ou confuso, de um discurso que fala da própria voz que o carrega” (ZUMTHOR, 1993, p. 95).

Nga Zefa sabia que o cantar do galo vinha do seu quintal e reconheceu, muito bem, a voz do filho a imitá-lo, pois sabia que o menino imitava todos os bichos: “– Foi o Beto! Parecia era galo. Aposto a Cabiri já está na capoeira” (VIEIRA, 2004, p. 131). Além da mãe, que ficou muito feliz com a atitude dos meninos para salvar a Cabiri, vale destacar que a vavó rende-se ao encanto da brincadeira dos meninos:

Vavó Bebeca sorriu; os seus olhos brilharam.

A galinha fala assim, vavó:

Ngëxile kua ngana Zefa

Ngala ngó Ku Kakela

Ka...ka...ka...kakela, kakela...

...ngëjile kua ngana Bina

Ala kiá ku kuata

Kua...kua...kua...kuata, kuata!

(VIEIRA, 2004, p.116)

A avó Bebeca também acaba participando de um momento lúdico proporcionado pelas crianças. Beto e Xico estão rindo com a cantiga da galinha, alheios à confusão armada para decidir de quem era o ovo:

E desataram a rir ouvindo o canto da galinha, eles sabiam bem as palavras, velho Petelu tinha lhes ensinado.

- Calem-se a boca, meninos. Estão rir de que então? – a voz da vavó estava quase zangada. – Beto, venha cá! Estas rir ainda, não é? Querem te roubar o ovo na sua mãe e você ri, não é? (VIEIRA, 2006, p.117)

Os meninos se defendem e explicam à vovó que sabiam o que a galinha dizia, porque o velho Petelu os havia ensinado a compreender o que ela dizia. A vovó, no primeiro momento, não se dá conta da brincadeira das crianças que tentavam falar com a galinha:

– Oh! Já sei os bichos falam com os malucos. E o que é que está a dizer? ... Está a dizer quem é o dono do ovo? – Cada vez, vavó...Só Petelu é que percebe bem, ele m”ensinou!

Vavó Bebeca sorriu; os seus olhos brilharam e, para afastar um pouco essa zanga que estava em todas as caras, continuou provocar o mona. (VIEIRA, 2006, p.117)

Note-se que, seja pelo motivo que for, “vavó” Bebeca embarca na história contada, ou seja, deixa-se levar, embrenha-se por esse espaço onde tudo é possível, inclusive, uma galinha falar.

A brincadeira das crianças envolve os adultos, num claro convite para dela participarem, uma vez que longe da realidade, elas conseguem inaugurar um espaço onde a imaginação atua livremente, preenchendo os espaços tão maltratados pela vida real. Esse lugar é o do sonho que não aliena, mas recupera e possibilita uma ampliação do ser e da vida.

Em Luandino podemos encontrar o espaço da representação da infância e da velhice constituídos pela beleza e pela poesia. É preciso adentrar esse espaço, o de Sambizanga, para lá encontrar as crianças e os velhos e descobrir como esses tempos convivem no mesmo espaço.

O autor nos mostra uma infância marcada pela realidade difícil, pobre e discriminada. No entanto, ele a valoriza, pois nos apresenta dois meninos que conseguem sair da realidade da lata para viver a fantasia da galinha e com isso instaurar o reino e o espaço da infância, marcado pela fantasia e pela imaginação. Tem também o avô que não perdeu a capacidade de brincar, de imitar a galinha e com isso alegrar os meninos.

É notável, portanto, que a infância é concebida como o período das grandes descobertas, da brincadeira, da curiosidade, da imaginação e das aventuras que buscam oferecer respostas para os questionamentos das crianças. O elemento lúdico está presente, mostrando-se como aspecto relevante, na medida em que a relação da criança com a brincadeira a marca essencialmente.

As crianças do musseque têm na galinha o seu brinquedo, imitam-na, protegem-na e de alguma maneira querem participar do universo dela. O avô é uma figura importante, pois é ele quem ensina os meninos a conversar com a galinha e a entendê-la, parece-nos que é ele o responsável pela criação desse espaço, uma vez que é ele quem inicia a brincadeira. A galinha torna-se, nesse contexto, mais que um animal, passa a ser o brinquedo dos meninos e parece também aderir à brincadeira. Elas vivem na mais dura realidade, frutos de um contexto social e político que as oprimem, mas não deixam de ser crianças, de se encantarem com os bichos, com a essência, com a vida.

Ao ler o conto, observamos como os espaços da infância e da velhice estão representados. Luandino põe em cena as crianças ao lado dos ve-

lhos. Há um espaço para a criança e outro para o velho, mas é interessante notar que o espaço conferido ao adulto não é fixo, permitindo-lhe participar do jogo lúdico instaurado no espaço infantil. O adulto também se reconhece atuante nesse espaço porque lhe é permitido brincar, não como a criança, que ele foi, mas como o adulto que é capaz de interagir com o espaço encenado pela infância, tornando-se também protagonista dessa cena. Isso se dá porque a fronteira que separa o universo adulto do infantil é movediça, permitindo com isso a alternância dos papéis ocupados por esses personagens durante a narrativa. Ora são adultos, ora são crianças, mas quando são adultos têm sempre a permissão para acessar o universo infantil, de uma maneira sensível capaz de proporcionar momentos de inesquecível prazer e reencontro com um tempo tão essencial da existência, principalmente porque se constitui como um manancial sempre a ser visitado e recuperado.

A vavó Bebeca, preocupada com a sobrevivência, parece ter um tempo menor para viver o mundo infantil. Entretanto, não se furta a esse acesso, quando se vê seduzida pelas crianças e acaba cedendo e, como uma criança, também brinca. Nesse caso a fronteira se move, permitindo o acesso a esse espaço que é construído para a infância. Não só a “vavó”, mas todos que estão no musseque, participando como platéia da disputa pelo ovo e pela galinha, bem como as mulheres que brigam, parecem também brincar: armam uma grande confusão, querem ser ouvidas e com isso aguardam o julgamento final, esperando que a verdade e a justiça aconteçam.

As crianças do musseque vivem num espaço em que o faz de conta garante a elas aventuras mágicas, embora o contexto seja adverso, devido aos problemas que eles enfrentam, nada os impede de elaborar a cena da infância, nem elas e muito menos os velhos. Isso fica evidente com a presença do avô Petelu, que os ensina imitar o canto dos bichos e, ao imitá-los, os ensina também a ser o “outro”, a ser aquele que gostariam de ser. Essa experiência significativa é muito comum quando a criança ouve uma estória, um conto de fada e decide qual personagem ela quer ser: príncipe, rei, feiticeiro, bruxa, enfim “ser o outro”, mais comum ainda nas brincadeiras, nas quais elas inventam, o tempo todo, o que são e o que serão.

A infância construída no musseque busca, na imitação da galinha, o tempo da África ancestral e é com esse canto que eles podem acessar o tempo mítico. Interessante observar que o diálogo que se pode estabelecer entre os dois tempos: o da infância e o da velhice convergem, neste momento, uma vez que voltar à África ancestral é encontrar a sabedoria da avó Bebeca e do avô Petelu, detentores da tradição e do canto.

Luandino nos mostra seus personagens, poderíamos dizer “com os pés no chão”, no chão de uma Luanda que precisa ser conquistada, legitimada. É preciso estar nesse chão, discutir as “macas”, mas não perder de vista o olhar que pode unificar os desejos daquele povo, de se constituir como identidade, de recuperar a essência viva e vibrante de uma África que canta e que tem na sua memória as brincadeiras inocentes que os mais velhos ensinam para as crianças, e que certamente elas também, mais tarde, ensinarão seus filhos.

Com efeito, além dos meninos Xico e Beto, por lá passeiam também o vovô Petelu, que com toda sabedoria ainda permanece preso às brincadeiras da infância, tanto que as ensina para os meninos. Ele liga o passado ao presente, já é um avô e, talvez por isso mesmo, seja tão consciente da importância que tem esse tempo-espaço. O tempo está distante, mas ele o recupera por força da brincadeira, mais ainda, é com ele que se faz a passagem do conhecimento, do canto da África ancestral que se busca recuperar. O canto da galinha é ele quem sabe e é por intermédio dele que esse canto se instaura e se faz brincadeira na boca dos meninos.

Enfim, as crianças e os velhos brincam, alegram-se, aprendem, resolvem conflitos e revelam a importância da brincadeira e de não perder de vista esse tempo da infância, seja como criança que acolhe o lúdico deste tempo, seja como o velho, que ao adentrar o espaço, o reconhece e dele se apropria, buscando os cheiros, as cores, os brinquedos, as vozes, as histórias, ou seja, a criança que ficou lá no espaço de um tempo guardado pela memória.

O tempo da velhice, as crianças já aprenderam a respeitar e a considerar como um tempo capaz de ser fonte inesgotável do conhecimento. Elas também alcançarão esse tempo e como o avô Petelu e a avó Bebeca serão os pilares em que se baseará a justiça e a tradição e também serão elas, aquelas que irão despertar, no tempo da realidade, o tempo da fantasia, o canto da galinha, o canto da África ancestral.

## ABSTRACT

This paper aims to discuss the time of childhood as well as the old age in the short story "A história da galinha e do ovo," by Luandino Vieira and also to demonstrate how the two times alternate in the poetic space, through the playful action – a point of convergence and communication. The tale is intended for adult readers, but may also be appreciated by child-reader, as it is constituted from common elements of children's literature: the presence of a storyteller narrator and a narrative in which childhood is represented. Children and adults share the same space of childhood: the former plays, rejoices, learns, solves conflicts for the adults and teaches the importance of not losing sight of that time, while the adults find it through their memory of childhood.

Key words: Luandino Vieira; Childhood; Old age.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano: entre intenções e gestos.** São Paulo: Col.Via Atlântica, 1999.

MACEDO, Tania. Monandengues, pioneiros e catorzinhas: crianças de Angola. **In: A kinda e a missanga: encontros brasileiros com a literatura angolana.** Rita Chaves, Tania Macêdo, Rejane Vecchia (Org.) São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007.

VIEIRA, Luandino. **Luuanda.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a literatura medieval.** São Paulo. Companhia das Letras, 1993.